

MALABARISTAS, AGENTES DO INSTANTE: EXPERIÊNCIAS DE UMA PESQUISA EM TRÂNSITO

VITÓRIA DE LIMA CARDOSO¹; ORIENTADORAS : FLAVIA MARIA RIETH²
DANIELE BORGES BEZERRA³

¹ Universidade Federal de Pelotas– vitoria.about@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas –rieth.flaviamaria@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas– borgesfotografia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa em andamento no âmbito do trabalho de conclusão de curso (TCC) da Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Sob orientação da Profa. Dra. Flavia Rieth e coorientação da Profa. Dra. Daniele Borges Bezerra, o trabalho tem como tema a dimensão performativa de pessoas que utilizam malabares como modo de vida e trabalho, nas ruas da cidade de Pelotas, Brasil.

O tema enfoca o universo de agentes que praticam a arte dos malabares entre outras técnicas circenses dentro dos centros urbanos. Estes, em geral são homens jovens por volta de 20 a 30 anos, que trabalham ou trabalharam nos semáforos da cidade de Pelotas, Rs.

Esta pesquisa busca identificar o porquê da escolha do semáforo como “palco” para as apresentações e como se constrói este corpo a partir do atravessamento com a rua. Tendo como objetivos específicos analisar a trajetória de vida desses sujeitos e como o nomadismo está presente ou não nestas trajetórias. Além disso, pretende observar a dinâmica produzida por essa experiência performativa, suas produções de sentidos e sua relação com o público, em estado de espera ou de passagem.

A pesquisa está situada dentro da área de Antropologia Urbana por se relacionar com dinâmicas próprias da rua, e também com a Antropologia da experiência, uma vez que articula experiência e performance , segundo John Dawsey (2005), perspectivas que não se desvinculam de uma reflexão sobre os corpos destes agentes. Finalmente, a antropologia visual também está presente e fornece os meios privilegiados para narrar,compreender o campo empírico em questão e restituir os resultados da pesquisa futuramente.

2. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos que estão sendo adotados na pesquisa são a observação participante, o método tradicional da Antropologia nos termos de Malinowski (2018). A observação participante é fundamental para partir de uma relação entre o eu e o outro, seja possível criar algo juntos, no sentido de partilhar uma visão sobre um universo antes desconhecido.

Ou seja, a partir de um contato direto e prolongado com as pessoas e seus territórios existenciais assumo a posição de modificar e ser modificada pelas experiências compartilhadas com os interlocutores.

A relação que foi estabelecida com estas pessoas, é influenciada pelo entendimento de que o trabalho de campo é uma relação de co-funcionamento, descrita como um tipo de simpatia. A simpatia não é um mero sentimento de estima, mas uma composição de corpos envolvendo afecção mútua. É essa simpatia que permite ao etnógrafo entrar em relação com os heterogêneos que o cercam, agir com eles, escrever com eles. (CAIAFA,2007).

Nesse sentido o pensamento sobre “deixarmos ser afetados” da autora Jeanne Fravet Saada (2005) me ajuda a problematizar e compreender a minha vivência no campo. A partir de seu trabalho sobre feitiçaria no Bacage francês pude traçar paralelos com a minha experiência. Em que nada se assemelha a sua vivência com a feitiçaria. No entanto, esta me da subsídios epistemológicos para poder legitimar minha experiência enquanto uma transeunte que assumiu outro papel ao ser afetada por essas performances de rua. Refiro-me ao meu deslocamento, inserindo-me na sua rede de relações, fazendo deste meu campo de pesquisa e do que antes não passava de um “objeto” de curiosidade e fascínio, agora interlocutores.

Logo, apropriando-me da discussão citada anteriormente pretendo, a partir de revisão bibliográfica sobre o tema, desnaturalizar estes afetos, bem como estereótipos criados em torno destas pessoas. Para isso, registro as experiências e reafirmo sua importância como modo de conhecimento. Para isso minhas principais ferramentas metodológicas são o diário de campo e o diário gráfico (AZEVEDO,2016;KUSCHINIR,2016), a partir dos quais é possível problematizar estas informações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o início do projeto em 2017, tive a oportunidade de me apresentar no semáforo, por três vezes junto aos interlocutores, como aprendiz de malabares. Sendo partilhado comigo um pouco do cotidiano de vida e trabalho.

Inicialmente, o projeto que se encontra em pausa devido ao covid-19, teve a participação de agentes que estavam em sua maioria dentro do meu circuito de relações, o que facilitou a minha entrada em campo e potencializando a afecção que as vivências geravam em mim.

Considerando o aspecto nomádico deste modo de vida, as idas a campo não evidenciam uma experiência linear, pois a maioria dos interlocutores com os quais tive contato até o momento, podem ser pensados como corpos nômades, uma característica de corpos que são perpassados pela individualidade da modernidade urbana, (BRETON, 2012) o que, por conseguinte, determina um tipo específico de experiência (DAWSEY, 2005). Sendo assim, o semáforo como um espaço público habitado pelos malabaristas se constrói mutuamente a partir destes corpos e suas performances no tempo-espacço da rua.

Assim, me apropriando dos conceitos de liso e estriado (GUIILES, 2000), percebo que o espaço do semáforo se constrói como um território nômade, em que os trajetos destes agentes, ainda que determinados por pontos que se locomovem de uma distância a outra, possuem autonomia e direção própria. Ou seja, na contramão da lógica sedentária, estes sujeitos possuem autonomia dentro da ocupação do espaço da rua, não estando submetidos a uma lógica de trabalho sedentário. Observo que, pelo contrário, este é um trabalho que convida ao nomadismo. Além disso, a pessoa dentro do espaço nômade é não delimitado, pois pode mudar conforme suas afetações.

Partindo dessas percepções, entendo o espaço do semáforo na cidade de Pelotas, como um espaço liso nos termos deleuzianos. Ou seja, o espaço da rua, em especial o semáforo, é ocupado e é desterritorializado. Sendo assim, a partir de seu habitar se torna, na própria desterritorialização, um espaço reterritorializado que abre espaço para outras formas de vivência. O espaço do semáforo onde ocorre a performance (DAWSEY, 2005) de malabaristas seria, portanto, portador de uma ambiência marcada pelo tempo dos fluxos e das pausas, uma ambiência determinada por intervalos lúdicos.

Entre o abrir e o fechar dos faróis, altera-se a percepção do tempo no cotidiano de quem vive na ou da cidade, tanto para quem está dentro do carro, assistindo, como para quem está jogando os malabares nos semáforos de Pelotas.

Os desenhos-esquemas grafados por mim durante as entradas em campo facilitaram meu registro e se acercaram mais de minha vivência, enquanto aprendiz de malabares, tornando evidentes alguns aspectos intrínsecos da vivencia.

Como o tempo do semáforo, que é rápido, (15 segundos de duração) em média, e por esta razão, mesmo que inconscientemente, grafei com bonecos de palito, que são a forma que me possibilitou acompanhar o movimento. Mesmo tendo realizado o desenho após a estada, a experiência ainda era sentida/lembraada e fica evidente na forma da grafia. Sendo possível observar na figura1, no dia em que me apresentei -estábamos treinando formas de entrar e sair do semáforo- na avenida Bento Gonçalves em Pelotas.

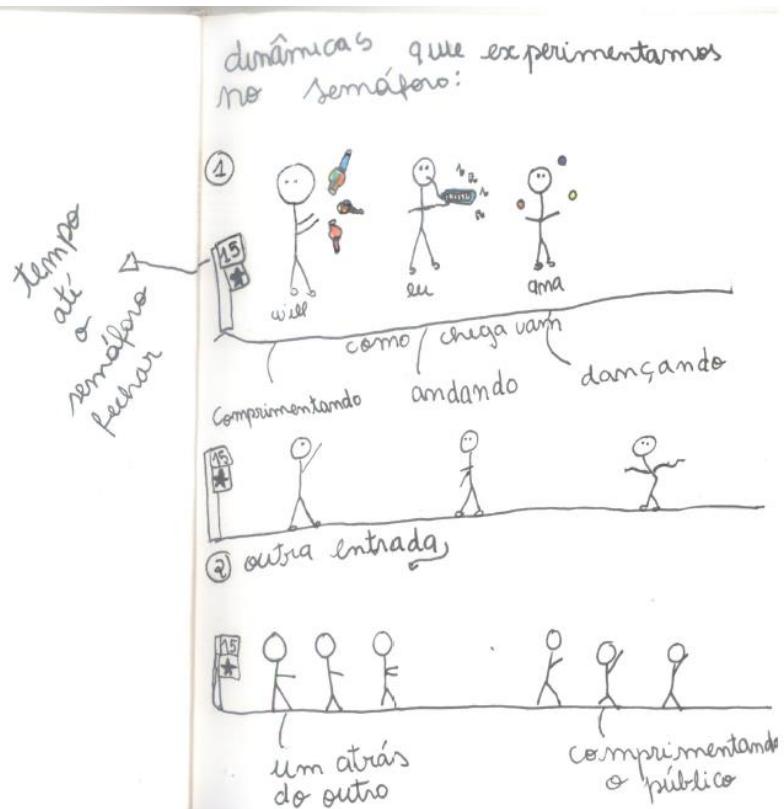


Figura1: Página do diário gráfico sobre as dinâmicas vivenciadas no semáforo, durante um dia como aprendiz..

Fonte: Diário gráfico da pesquisadora. 2017.

Este registro é importante, também porque grafa minha primeira participação, como aprendiz de malabares. Entramos juntos, os 3. Ana, Will e eu. Will já trabalhava com

malabares no semáforo a um tempo e Ana e eu estávamos descobrindo este universo de apresentações na rua pela primeira vez. Experimentamos várias formas de interagir com os passantes, de manusear os instrumentos, de jogar com as bolinhas e, sobretudo, ocupar o espaço. Depois desta estada tivemos outros encontros, mas pelo movimento de vida dos interlocutores, não tive mais como acompanhá-los, pois estes seguiram outros fluxos fora da cidade de Pelotas. Outros interlocutores em potencial chegaram a cidade depois disso, mas em função da pandemia não pude estabelecer contato ainda

4. CONCLUSÕES

Em suma, o projeto, mesmo em fase inicial, nos oferece a possibilidade de vislumbrar outras formas de ocupar o espaço-tempo da rua, como também outros modos de vida, entendidos como fora da norma (BECKER, 2008).

Partindo do trabalho com malabares é possível refletir sobre as dinâmicas observadas no semáforo de Pelotas, RS como um território nômade, reterritorializado por agentes em movimento. Observo, portanto, que estes agentes em trânsito modificam a dinâmica do cotidiano de quem passa pela rua. De modo que, é possível pensar essas ações/trabalhos/performances como intervenções urbanas, uma linguagem acionada pelo campo das artes visuais. Nessa dinâmica, tanto a rua quanto o corpo de quem trabalha com malabares se transformam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAIAFA, J. Aventura das cidades. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1007

BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: Alba Zaluar Guimarães. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.

DAWSEY, J. C. Victor Turner e antropologia da experiência. **Cadernos de Campo (São Paulo 1991)**, v. 13, n. 13, p. 163-176, 2005.

DELEUZE, G. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Editora 34, 2000.

LE BRETON, D. Antropologia do corpo e modernidade. Trad. DOS SANTOS CREDER, F. **Vozes. Petrópolis: Brasil**, 2012.

SIQUEIRA, P. "“Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada." **Cadernos de Campo**.n. 13, p. 155-161,2005.

Kuschnir, K. "A antropologia pelo desenho: Experiências visuais e etnográficas." **Cadernos de Arte e Antropologia 5.2 (2016)**: 5-13.

AZEVEDO, A. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Áltera–Revista de Antropologia, João Pessoa**, v. 2, n. 2, p. 100-119, 2016.